

## GILBERTO FREYRE VERSUS PAULO PRADO: A QUESTÃO DA IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA

*Gilson Gil*

Meu objetivo é realizar uma comparação entre dois autores, reconhecidos como cientistas sociais, cujas problemáticas centrais vinculam-se ao modernismo. Estes são: Paulo Prado e Gilberto Freyre. Centraremos nossa análise na questão das raças e seu papel na formação de nosso "caráter". Assim como o modernismo buscou "acertar o relógio império da literatura nacional" (1), principalmente após 1924, estes autores procuraram estudar o Brasil, redescobri-lo em sua profundidade cotidiana. Analisarei suas principais obras, *Retrato do Brasil* (1928) e *Casa-Grande & Senzala* (1933), nas quais buscam realizar um retrato íntimo do brasileiro, de sua vida, seus costumes e sua formação histórica.

Prolongando a intenção de Mário de Andrade ou Oswald de Andrade, voltados para a literatura e a produção artística e antropológica deste Brasil, Gilberto Freyre e Paulo Prado procuram se vincular às ciências sociais. A busca deste caráter brasileiro já existia desde o século XIX com o movimento romântico (2). Entretanto, é a partir dos anos 20 que se procura uma solução mais sintética e "científica" para tais questões. O problema das raças adquire um caráter sociológico, e não biológico. Esta procura por uma síntese psicológica e antropológica do nosso "homem típico" é a marca deste novo ímpeto modernístico de se descobrir o que nos faz brasileiros.

As duas obras centram suas atenções para o período colonial, época em que nossa individualidade estaria se configurando. É importante esta comparação, pois este ato de descobrir é também um ato de construir, de criar uma verdade acerca do nosso país, nossa cultura e nosso indivíduo. São opostas estas criações de Paulo Prado e Gilberto Freyre. Suas sínteses elaboram duas brasilidades distintas. Seus olhares para dentro de nosso país, para sua formação histórica, para sua psicologia profunda diferiam drasticamente. O impressionismo de Paulo Prado levava à melancolia e ao paradoxo, enquanto a história íntima de Gilberto Freyre elaborava uma modernidade dionisíaca e confiante para o Brasil.

## II

Paulo Prado começa seu livro com uma pequena tese que o acompanha por todo o estudo:

"Numa terra radiosa vive um povo triste". (3)

Os descobridores imprimiram sua marca em nossa terra obedecendo a dois impulsos, e que nunca trouxeram alegria ao nosso país: a "ambição do ouro e a sexualidade livre e impune" (4).

Esses descobridores eram típicos homens do renascimento, aventureiros com amor ao mistério e ao desconhecido. Possuíam o desejo de obter fortuna rápida. Vinham à procura do ouro, enfrentando as florestas, os sertões, o calor e a umidade apenas pela cobiça. Quanto mais avançavam começavam os contatos com os nativos. Ficaram então deslumbrados com sua "nudez escandalosa" (5), que libertou o sexualismo anárquico dos colonizadores.

Este contato gerou uma mestiçagem desenfreada. Paulo Prado vê os colonizados como adolescentes afoitos e amorais, e as índias como animais lascivos, só preocupados em satisfazer seus desejos carnisais. Populações mestiças oriundas do vício e do crime, e que viviam em total "pecado sexual" desbragado.

A colônia era um núcleo de "devassidão, indisciplina, viver desregrado e plena anarquia moral e social" (6). O europeu não tinha amor à terra. Sua origem seria de degredados, desertores e naufragos. Sua moral, duvidosa. Fator importante, para Paulo Prado, assim como para Freyre, é a sexualidade exaltada. A junção deste branco aventureiro com a índia lasciva tornou desenfreada a busca por sexo. Não criaram afeições ou sentimentos duradouros, suas relações eram "uniões de pura animalidade" (7). A situação só piorou com a negra escrava, que, com sua passividade infantil, só desenvolveu ainda mais o erotismo colonial.

Esta sexualidade animalesca era aguçada por um instinto tão forte como este, a febre do ouro. O Brasil vivia das lendas sobre riquezas ocultas em seu interior. Os bandeirantes eram o tipo puro deste aventureiro. Eram independentes, brutos, rudes, sem escrúpulos, ambiciosos e gananciosos. Na sua ânsia de riqueza "cometeram todos os crimes" (8) possíveis. Esta loucura pelo ouro foi decisiva na "formação de nossa nacionalidade".

Contudo, o problema é que todo este esforço foi inútil. Estes sacrifícios e crimes foram feitos em vão. Apenas no século XVIII se achou ouro em Minas. Porém, a metrópole em sua ambição preguiçosa pôs tudo a perder. Sugou a colônia, explorou sem racionalidade o ouro que Minas tinha a oferecer. Segundo Paulo Prado, "quiseram viver sem trabalhar" (9). Faltava a esses exploradores fortaleza "moral e mental". Viveram em um sonho de riqueza, que na realidade, foi fugidio e enganador.

Um certo fascínio pela colonização dos EUA nos faz ver o que faltaria no Brasil. O norte dos EUA teria "dado certo" por sua "forte disciplina religiosa", que gerou uma "poderosa unidade de espírito social" (10). Os puritanos realizaram uma verdadeira hi-

giene moral religiosa ao manterem firmes os propósitos de sua religião. Entretanto, o Brasil fora colonizado por aventureiros e marginais, oriundos de um país decadente, Portugal. Estabeleceu-se um regime escravocrata que contaminou as relações inter-raciais. Sofreu com os males causados pela ambição e luxúria dos colonizadores. Exagerou no "culto ao vício sexual" (11), até suas forças se exaurirem e sua unidade moral se dissolver. O erotismo sem freios dos portugueses, das negras e das índias teria produzido perturbações somáticas e psíquicas, uma profunda fadiga, nojo e mesmo ódio.

Paulo Prado procurar sintetizar esta análise conferindo um sentimento próprio ao povo surgido deste tipo de colonização. Este sentimento seria a melancolia. Seríamos uma "raça triste", obcecada pelo sexo e pela riqueza, sem unidade ética. Uma intensa atividade sexual e econômica teria esgotado as reservas emocionais de nosso povo. O contraste entre as lendas sobre riquezas incontáveis e as dificuldades enfrentadas pelos desbravadores só trouxe desilusão. Ele associa à cobiça e à luxúria um quadro de características psico-fisiológicas psicopáticas, tais como: abatimento físico e moral, fadiga, insensibilidade, abolia, tristeza. (12).

Afirma existirem "povos alegres e povos tristes". O brasileiro seria triste, melancólico, obcecado por sexo, indiferente às questões mais abstratas e preso ao vício da cachaça. Nosso país seria constituído por mestiços, assim como para Freyre. No entanto, estes só possuiriam sentimentos vis como a ganância ou a avidez sexual a lhes inspirar. Não possuíam um sentimento profundo de brasilidade, ao contrário dos norte-americanos e seu patriotismo. Apenas a ambição os conduzia.

A mestiçagem, especialmente a negra, "perturbou e envenenou a formação da nacionalidade" (13), pois relaxaram os costumes, dissolveram a moralidade e anarquizaram com a sociedade. As negras andavam nuas sem o menor pudor. As famílias eram corrompidas pelos vícios sexuais das negras e mulatas. A libertinagem originava incontáveis bastardos. Esses mulatinhos eram a expressão viva da degradação e promiscuidade de nossas origens.

A corte era apenas uma caricatura. Rio e São Paulo cidades feias, sujas, violentas e depravadas. Os centros urbanos não constituiriam opções, a tristeza e depravação percorreriam todo o país.

Outro ponto que aparece como possível solução, mas por ele descartado é o tipo da intelectualidade brasileira. Assim como Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, Paulo Prado ressalta como nossos intelectuais facilmente se deixaram seduzir pelo romantismo. Suas reflexões eram compostas mais de palavras bonitas e complicadas do que de aprofundados questionamentos sobre nossa realidade. Nesse ambiente de "sensualidade e ignorância" gerou-se um liberalismo verboso e sonoro" (14). Esse romantismo intelectual era composto de ilusões poéticas, um mau-gosto estilístico e uma exaltação da palavra em oposição à realidade. Um palavreado obscuro e rebuscado, sem ligação com os reais problemas do Brasil, seria característico de nosso republicanismo bacharelesco.

Ele via no modernismo uma tentativa revolucionária de se opor a este palavreado confuso, abstrato e infrutífero. Contudo, nossa identificação com o romantismo seria

muito grande. Nossa "indolência primária" se regalava com o "boleio das frases, a sonoridade dos palavrões, as chaves de ouro" (15). Estas efusões literárias irreais só acentuariam nossa dor e tristeza. Este "desejo de procurar a felicidade em um mundo imaginário" teria criado mais sofrimento. Uma nefasta influência se estabeleceu: "versos tristes, homens tristes, melancolia do povo, melancolia dos poetas" (16).

Paulo Prado tencionava ver na história não séries de eventos, mas um conjunto de impressões, forças conscientes ou instintivas que constituíssem, ao longo dos tempos, os homens e as sociedades. Seu objetivo era captar "as emoções e representações" pelas quais os fatos fossem vivenciados. Emoção esta que impediu a segregação, estimulando a miscigenação e o estreitamento sexual inter-racial. Uma intimidade perversa, promíscua e desrespeitosa incrementou a mestiçagem, o maior dos males raciais do Brasil.

Seu diagnóstico é o de que o "Brasil não progride... é uma criança doente" (17). Nosso homens vivem de maneira incerta, desregrada e anômica. Vivemos em meio às mais variadas moléstias físicas, como a sífilis, o paludismo, o amarelão e o alcoolismo. Além disto, nosso caráter seria distorcido. Nosso povo seria inculto e nossa elite oca em seu bacharelismo inócuo. Não produziríamos nada autêntico. Tudo seria corrompido pelo "vício da imitação" (18). Importa-se tudo aquilo de que se necessita, inclusive os movimentos intelectuais e artísticos.

Sua análise negativa sobre a colônia e o império termina proclamando um esgotamento da República Velha. Esta seria composta por um corpo político "anêmico, atrofiado e balofo" (19). A falsidade e a esterilidade da política brasileira deveria ser eliminada. A comédia do nosso parlamentarismo seria uma farsa mal realizada. Uma pretensão de se imitar a Inglaterra com nossos mestiços.

Apenas da "guerra ou revolução" (20) os "cambalachos da politicagem" na República Velha, personificados pela "oligárquica política dos governadores". A guerra poderia fazer com que "heróis" surgissem. Especialmente homens do povo imbuídos do espírito de "salvação pública", e que fossem de áreas marginalizadas pelos políticos da "café com leite", assim como o Sul, o Acre ou o Nordeste. Nada poderia ser deixado em pé. O melhor corretivo seria o "apagamento de tudo o que foi mal feito" (21).

Paulo Prado desejava recolocar o Brasil na ordem mundial. Via o país perdido nos discursos inúteis dos políticos repetidores de modelos europeus sem vitalidade. Este isolamento nos levou a uma mediocridade imobilista, porém agradável aos políticos da República Velha. Procurar investigar o caráter do brasileiro seria vital, pois somente assumindo nossa identidade poderíamos nos situar diante de outras nações.

Seu diagnóstico sobre este caráter é negativo. Possui um *pathos* durkheimiano de desejo de solidariedade moral. A superioridade dos EUA sobre nós residiria na fortaleza ética da religião puritana de seus fundadores. Nossa história apenas nos legou tristeza, melancolia e desesperança. O sonho revolucionário estaria baseado no binômio "esperança e revolta" (22). Somente esta nova ordem poderia nos integrar moralmente, estabelecendo um ideal ético-social de solidariedade nunca visto por nós.

Esta nova ordem revolucionária acabaria com esta tristeza passiva, amolecedora, indolente e pouco apegada ao solo. Terminaria com nosso "entusiasmo fácil, denegrimen-

desanimado e estéril" (23), erigindo valores duradouros e verdadeiramente patrióticos. Apenas um amor realista e seguro, sem os arrebatamentos luxuriosos e egoístas das paixões efêmeras, poderia nos dar aquele sentido de "hierarquia social e colaboração coletiva" (24) encontrado nos EUA.

### III

Gilberto Freyre escreve *Casa-Grande & Senzala* em 1933. Sua tentativa de investigar nossas raízes psicossociais recriou um Brasil singular, com um tempo próprio. O Brasil colonial serve como alegoria fundadora de uma análise sobre a sensibilidade própria do brasileiro. Ele procurava questionar as teorias racistas da época, privilegiando a formação histórica da cultura brasileira. Tentava analisar quais as influências sociais que os indivíduos sofriam, e como estas histórias singulares configuravam "culturas" individualizadas.

A sociedade patriarcal com sua monocultura escravista criou uma espécie de Brasil, imprimindo sua marca em nossa subjetividade. Contudo, um ponto central modificou nossa história, a "escassez de mulheres brancas entre os conquistadores" (25).

Desta forma, os europeus tiveram que transigir com índias e negras sobre suas relações. Gilberto Freyre diz que foram criadas "zonas de confraternização" (26) entre as raças, apesar das relações assimétricas de poder entre senhores e escravos. O tema essencial de nossa cultura é a miscigenação. E é justamente por esta confraternização sexual, que possíveis muros econômicos e políticos entre as raças foram derrubados. Segundo Freyre, foi esta concubinação miscigenadora que "corrigiu a distância social" entre os patriarcas e seus escravos. Foi essa mistura entre esposas, concubinas, mulatas, negras, moleques e escravas caseiras que lançou as bases para a democratização do Brasil. Foi a interação entre agregados, filhos e mulheres, legítimos ou não, que estimulou uma aproximação entre as raças e classes no Brasil.

Os problemas na constituição física do brasileiro são sociais, e não raciais. A Casa-Grande e a monocultura agrícola monopolizaram a vida colonial fixando o português aventureiro. No entanto, sua plasticidade serviu para amenizar os aspectos mais cruéis e violentos da escravidão.

Freyre procurava sintetizar como seria o brasileiro, e como se deu sua individualização cultural. Seu objetivo seria verificar a maneira pela qual o brasileiro se constituiu em "outra raça" (26) distinta da portuguesa. Neste sentido, raça é vista como uma unidade sócio-cultural, e não biológica. A doçura e "simplicidade" dos Franciscanos marcava a arquitetura da Casa-Grande, e seu jeito hospitaleiro de se oferecer aos estranhos.

A Casa-Grande centralizou todas as tarefas no Brasil colonial, sendo banco, capela e cemitério. Ajudou ela a formar nossa raça. Foi ela que "melhor exprimiu o caráter brasileiro" (27). É a partir desta análise sobre a colônia, que ele constrói sua visão sobre nossa cultura. É uma instituição mítica e fundadora da brasilidade em sua rotina social da colonização.

O centro de sua construção está na problemática da miscigenação. Desde o início de nossa história, nunca tivemos uma rígida separação de raças a nos inspirar. O português "cosmopolita e plástico" (28) já era acostumado ao contato com mouros, africanos e asiáticos. Esta hibridez ele traz para o Brasil, impedindo que hierarquias inflexíveis se estabelecessem. O português é visto como estando em um "bambo equilíbrio de antagonismos" (29). Isto lhe deu uma "riqueza de aptidões" e uma grande "flexibilidade".

O Brasil incorporou esta plasticidade, sendo composto por um enorme desequilíbrio subjetivo. Este nosso caráter composto, misto, é revelado na desconfiança sexual quanto à frigidez da mulher loura, e a "glorificação da mulata, da cabocla, da morena" (30). Este intercurso sexual constante e sem preconceitos entre portugueses, negras e índias originou uma população mestiça. Miscigenação essa que teria permitido a adaptação de nossos homens às mudanças. Esta mestiçagem não era vista como em equilíbrio. Pelo contrário, "tudo aqui era desequilíbrio" (31).

A sexualidade à flor da pele e a "liberdade de ação" aqui encontrada favoreceram estes contatos. Havia uma constante superexcitação sexual. A existência de tantas mulheres nuas, e o poder sobre as negras liberou todas as perversões e desejos dos colonizadores. Entretanto, embora Freyre utilize Paulo Prado como referência bibliográfica ao falar da sexualidade exacerbada na colônia, possui uma interpretação menos moralizante e negativa. É um desequilíbrio dionisíaco que se manifesta em nossa formação. Aquilo que é pecado e luxúria em Paulo Prado, se transforma em democracia e gozo da vida em *Casa-Grande & Senzala*.

A dispersão criticada por *Retrato do Brasil*, como fruto da cobiça do ouro, é vista por outro prisma em Freyre. Ela contribuiu para que "a unidade de raça" fosse esquecida pelos colonizadores (32). O que realmente nos uniu foi a religião católica. Porém, não a dos jesuítas e seu ascetismo ordenador, mas a da Casa-Grande, com toda sua intimidade e afeição caseira.

Apesar da grande propagação de sífilis no país, esta sexualização da sociedade, devido a causas econômicas como Freyre ressalta, trouxe as vantagens da miscigenação. Aquilo que Paulo Prado vira como negativo, tanto pelo lado físico, como pelo moral, é visto por Freyre como positivo. A formação de uma sociedade híbrida tornaria os indivíduos mais plásticos, abertos ao mundo e às diferenças. Para isso, seria necessário não perder aquele "gosto pela vida desregrada no meio de mulher fácil e à sombra de cajueiros e araçazeiros" (33) que todo brasileiro possuiria dentro de si.

O Brasil seria forte, isto é, possuidor de uma raça (cultura) sólida justamente por não ter seguido o exemplo europeu. Foi a mestiçagem que conseguiu nos adaptar a uma natureza hostil e de difícil conquista. Esta miscigenação propiciou uma mistura de raças que seria extremamente positiva, pois impediria o preconceito e a rigidez dos países anglo-saxões e suas violentas querelas raciais.

Nossa característica cultural seria este "equilíbrio de antagonismos" (34), onde os extremos se tocariam e as diferenças seriam amolecidas.

Esta influência amolecedora deveu-se principalmente ao africano. Foi da intimidade entre negros e senhores que as barreiras foram sendo dissolvidas. Todo brasileiro

carregaria em sua "alma" algo de indígena ou africano. Especialmente importante nesta formação de uma "alma brasileira mestiça" seria a sombra das escravas sobre a vida sexual das famílias senhoriais.

Este predomínio do negro, enquanto agente formador da subjetividade brasileira, se revela quando é comparado com o índio. Este último é caracterizado como taciturno, sonso, sorumbático, moroso e introvertido. Já o negro é visto como alegre, espontâneo, cortez e comunicativo. Foi este o mais "plástico colaborador" do branco na colonização do país. Negros dionisíacos, em contraste com os índios apolíneos (35).

Gilberto Freyre não é ingênuo ao falar do negro, esquecendo-se da dominação senhorial. Explicitamente, ele aponta a escravidão como causadora da chegada do negro e de sua situação inferiorizada no Brasil. Associa a imoralidade do negro com sua situação de escravo. A razão desta sexualidade tão viva em nosso cotidiano estaria no "sistema social e econômico", pois "não há escravidão sem depravação sexual" (36). O negro era "animalizado" sexualmente pelos senhores brancos. O sistema da monocultura escravista é que seria amoral. Foi a condição degradante de escravo que fez o negro tão valorizado sexualmente. Justamente, suas melhores tendências criativas foram abafadas, sendo todas direcionadas para o trabalho duro e o sexo.

A obra maior de Freyre é uma defesa do negro, e mais ainda, do mulato. Contestadora em sua época, o que lhe valeu críticas e perseguições (37), *Casa-Grande & Senzala* injustamente é vista como "conservadora ou reacionária". Diante das teorias racistas, que procuravam denegrir o mulato, e culpar a miscigenação pelos nossos males, ele procurou contradizer estas acusações. Falou de cultura, e não de raça. Acusou o escravismo pelos males físicos e morais da colonização, afastando do índio e do negro a pecha de "animais sexuais". Ele buscava identificar como se deu essa interpenetração cultural, e como dela resultou um tipo específico de homem, o brasileiro.

Gilberto Freyre ressaltava o valor desta cultura, e sua singularidade. Sua força estaria em sua individualidade, em saber quais seus limites e contornos psicológicos e sociológicos. Todavia, ele vai além de uma crença formalista neste tipo de auto-esclarecimento que todas as culturas deveriam ter. Ele apostava no tipo particular de cultura existente no Brasil. Possuía uma crença substantiva na "potencialidade da cultura brasileira", exatamente pela "riqueza dos antagonismos equilibrados" (38).

Estes distintos lados não estariam em guerra. Sua visão dos EUA é que é negativa, pois os norte-americanos (os do norte) nunca teriam se integrado, se comunicado inter-racialmente, daí sua violência e inimizade interna. O Brasil, país de mestiços, é mais rico, pois essas metades viriam se confraternizando e enriquecendo por este diálogo e interação constantes. Nossa cultura seria fértil devido à ação dos negros, seja do moleque, do negro velho, da mucama, da ama de leite, enfim de todos esses que juntos ajudaram a criar nossa raça híbrida em sua singularidade.

É esta "variedade de antagonismos que falta ao português europeu" (39), e que nos enriqueceu. É este dionisismo mestiço que faz nossa nação poder se desenvolver. A interação entre *Casa-Grande & Senzala* fez com que as relações se abrandassem só no Brasil, ao contrário da América Latina, atenuando os males da escravidão. Esta "doçu-

ra" nas relações dos senhores com os escravos domésticos, fez a família se alargar, englobando sob seu teto inúmeros mulatos, negras velhas, concubinas, mães-pretas e agregados íntimos. Esta proximidade nos contagiou de um "misticismo quente, voluptuoso, de que se tem enriquecido a sensibilidade, a imaginação, a religiosidade dos brasileiros" (40).

O Brasil teria sido gestado entre dois pólos. Por um lado, o branco senhor, com seu poder de mando e seu "princípio de autoridade". Por outro, o índio e o negro, com sua imaginação e espontaneidade intimista e acalentadora. A fusão destas tendências criou uma cultura plástica e mestiça, a brasileira, mais flexível e democrática do que as outras onde não houve tal inter-comunicação de raças. Ser "conservador", segundo Freyre, seria procurar manter este lado senhorial imune a tais encontros. Ele não prezava este "sadismo do mando". Procurava exaltar a "fusão harmoniosa de tradições diversas, ou antes, antagônicas" (41) como no Brasil.

Sua visão da colonização é mais realista do que a de Paulo Prado quando afirma ser o sistema escravista o originador do imoralismo e da sífilização do Brasil. No entanto, isso não o impede de ser positivo quanto ao fato da mestiçagem. Este hibridismo de nosso caráter tornou-nos mais democráticos e abertos. O que seria negativo na ótica de Paulo Prado, nossa fluidez racial e a falta de separações ético-religiosas inflexíveis, é valorizado por Freyre. O modelo dos jesuítas, segundo o exposto em *Casa-Grande & Senzala*, seria o mais compatível com o dos puritanos de Paulo Prado. É duramente rechaçado por Freyre devido à sua rigidez e incapacidade de lidar com nossa miscigenação cultural, daí surgindo seu apreço pela humildade intimista dos franciscanos.

São estes dois tipos de Brasil que surgem destes pensadores. Um que clama por regras fixas e estáveis, mesmo que só advindas de uma revolução ou de uma guerra. O outro, que aposta em nossa instabilidade, em nosso caráter mestiço e sem rigidez; confiando nesta singularidade brasileira. Este é o próprio dilema do Brasil em suas tentativas de modernização. A revolução como único instrumento capaz de modernizar o país, ou confiança no nosso "jeitinho" amolengado e cordial. Esta questão vemos se prolongar por autores como Sérgio Buarque de Holanda e Antônio Cândido, chegando até contemporâneos como Roberto da Matta e Livia Barbosa. Antes de se escolher um dos autores citados como sendo a única proposta correta, creio ser o mais importante recuperar estas "histórias" do Brasil, e quais os conflitos de verdades delas surgidos, e que, no fundo, são nossos conflitos íntimos até os dias de hoje.

## BIBLIOGRAFIA E NOTAS

- 1 – ANDRADE, Oswald de. 1970. *Obras Completas*. RJ. Civilização Brasileira, v. VI. p. 9.
- 2 – LEITE, Dante Moreira. 1992. *O Caráter Nacional Brasileiro*. SP, Ática.
- 3 – PRADO, Paulo. 1970. *Retrato do Brasil*. SP, Ibrasa. p. 17.
- 4 – Id. p. 17.
- 5 – Id. p. 26.

- 6 – Id. p. 42.
- 7 – Id. p. 45
- 8 – Id. p. 63.
- 9 – Id. p. 77.
- 10 – Id. p. 85.
- 11 – Id. p. 90.
- 12 – Id. p. 93.
- 13 – Id. p. 118.
- 14 – Id. p. 126.
- 15 – Id. p. 127.
- 16 – Id. p. 143.
- 17 – Id. p. 146.
- 18 – Id. p. 147.
- 19 – Id. p. 150.
- 20 – Id. p. 151.
- 21 – Id. p. 153.
- 22 – Id. p. 108.
- 23 – Id. p. 140.
- 24 – FREYRE, Gilberto. 1969. *Casa-Grande & Senzala*. RJ, José Olympio. 2 vs. p. XXXIII.
- 25 – Id. p. XXXIV.
- 26 – Id. p. XXXVII.
- 27 – Id. p. XLIV.
- 28 – Id. p. 5.
- 29 – Id. p. 8.
- 30 – Id. p. 13.
- 31 – Id. p. 21.
- 32 – Id. p. 38.
- 33 – Id. p. 67.
- 34 – Id. p. 73.
- 35 – Id. p. 402.
- 36 – Id. p. 440.
- 37 – CHACON, Vamireh. 1993. *Gilberto Freyre. Uma Biografia Intelectual*. SP, Editora Nacional; Recife: Ed. Massangana.
- 38 – FREYRE. 1969. op. cit. p. 467.
- 39 – Id. p. 466.
- 40 – Id. p. 494.
- 41 – Id. p. 71.

